

Quando fui pai do meu irmão

*O desafio é sempre imprimir
sentido à existência.*

AMOSTRA

AMOSTRA

Quando fui pai do meu irmão

*O desafio é sempre imprimir
sentido à existência*

Frei Betto

70

Quando fui pai do meu irmão

Copyright © 2025 Edições 70.

Edições 70 é um selo da Editora Almedina do Grupo Editorial Alta Books (STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA).

Copyright © 2025 Frei Betto.

ISBN: 978-65-5427-240-7

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação em Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Betto, Frei
Quando fui pai do meu irmão : o desafio é sempre
imprimir sentido à existência / Frei Betto. -- São
Paulo : Edições 70, 2025.

ISBN 978-65-5427-240-7

1. Homens - Autobiografia 2. Espiritualidade
3. Família - Histórias 4. Militância 5. Relatos
pessoais I. Título.

24-194762

CDD-920.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Homens : Autobiografia 920.71

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida.

A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Aceso o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Grupo Editorial Alta Books

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor da Obra: Marco Pace

Vendas Governamentais: Cristiane Mutús

Gerência Comercial: Claudio Lima

Assistente Editorial: Andreza Moraes

Revisão: Daboit Textos

Diagramação: Eduardo Faria/Ofício

Copidesque: Maria Helena Guimarães Pereira

Agente Literária: mhgpal@gmail.com



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada à:



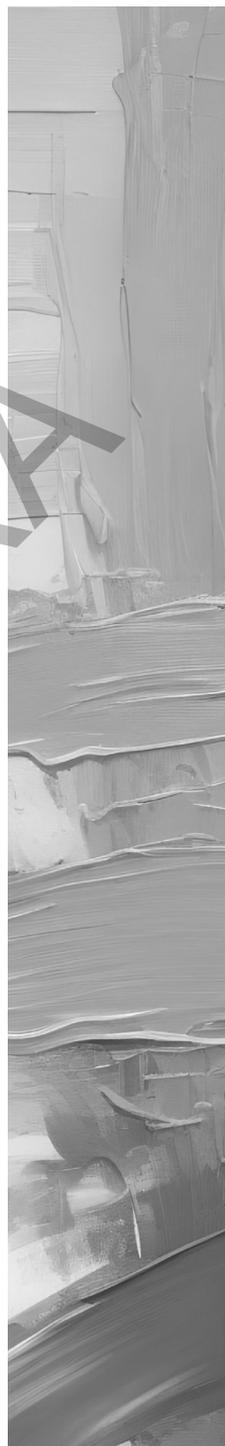
AMOSTRA

Para Antonio Pedro Pellegrino

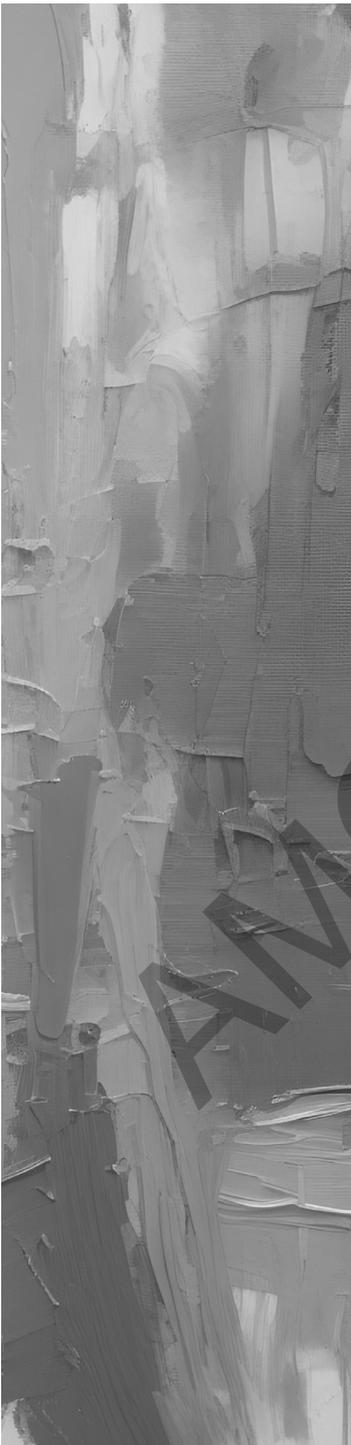
AMOSTRA

SIGLAS

- ABC** Sigla pela qual são conhecidos os três municípios mais importantes da região industrial de São Paulo: Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul.
- AC** Ação Católica
- AP** Ação Popular
- BH** Belo Horizonte
- CEB** Comunidade Eclesial de Base
- Cenimar** Centro de Informações da Marinha – hoje Centro de Inteligência da Marinha
- EUA** Estados Unidos da América
- FAB** Força Aérea Brasileira
- FAO** Food and Agriculture Organization (organismo da ONU para alimentação e agricultura)
- Funai** Fundação Nacional dos Povos Indígenas
- G-20** Grupo dos países mais desenvolvidos do mundo
- Incor** Instituto do Coração
- JEC** Juventude Estudantil Católica
- JUC** Juventude Universitária Católica
- MG** Minas Gerais
- OLAS** Organização Latino-Americana de Solidariedade
- ONG** Organização Não Governamental
- ONU** Organização das Nações Unidas
- PC** Partido Comunista
- PCB** Partido Comunista Brasileiro
- PM** Polícia Militar
- PMDB** Partido do Movimento Democrático Brasileiro
- PT** Partido dos Trabalhadores
- SNI** Serviço Nacional de Informações
- TFP** Tradição, Família e Propriedade
- UCMG** União Colegial de Minas Gerais
- UFMG** Universidade Federal de Minas Gerais
- UMES** União Municipal de Estudantes Secundaristas
- UTI** Unidade de Terapia Intensiva



AMOSTRA



Sumário

- 13 O que me fez ser o que sou
- 29 Por que sou escritor
- 43 Prisão sob a ditadura militar
- 49 A morte de Tancredo Neves
- 55 Quando fui do meu irmão
- 65 Ser pós-moderno e/ou ser feliz
- 79 O dever de ser ético
- 95 Quem faz a nossa cabeça
- 107 O mundo em que vivemos
- 125 Teologia da libertação
- 137 A espiritualidade que almejo
- 167 Dez conselhos para viver a religião no Século XXI
- 171 BIBLIOGRAFIA DO AUTOR

AMOSTRA

Quando fui pai
do meu irmão

AMOSTRA

O que me fez ser o que sou

INICIO PELO QUE NÃO SOU e muitos julgam o contrário: padre e filiado a partido político.

E pelo que sou: peregrino de Deus viajando a bordo de um paradoxo.

Sou católico. Todos os dias oro para que Deus faça de mim um cristão. Ecumênico, sou favorável ao diálogo e à comunhão inter-religiosos.

Bom lembrar: Deus não tem religião.

Sou cidadão visceralmente político. Sempre evitei me filiar a partidos. Transito em outras trincheiras, por vezes mais eficientes que partidos.

Atuo em pastoral popular, assessoro movimentos sociais, escrevo artigos em jornais e sites, publico livros, profero palestras... É o bastante. A vida é curta para todos os meus projetos. E não cabe nos meus sonhos.

Todos fazemos política. Por participação ou omissão. Nessa matéria, não há neutralidade. Há, sim, quem se julgue apolítico. Mera ilusão. Como diz o teólogo Clodovis Boff, tudo é política, mas a política não é tudo.

De fato, tudo na vida de cada um de nós tem a ver com política: a qualidade do café da manhã; o salário; o transporte público; o preço do pão; a saúde; o modo como se é tratado numa batida policial.

Aliás, somos ministeriados do nascimento à morte. Ao nascer, a certidão vai para o Ministério da Justiça. Na escola, Ministério da Educação. Ao tomar vacinas, Ministério da Saúde. No emprego, Ministério do Trabalho. Ao dirigir, Ministério das Cidades. Ao aposentar, Ministério da Previdência Social. E ao morrer, voltamos ao Ministério da Justiça.

E todos temos ideologia. O bispo anglicano Desmond Tutu, prêmio Nobel da Paz de 1984, dizia que não há nada mais ideológico do que afirmar “não tenho ideologia”.

Ideologia é como óculos. Utilizo os meus para enxergar melhor. Ao enxergar, não os vejo. A ideologia é como os óculos: através dela vemos a realidade. Mas nem sempre temos consciência dela.

— Como um frade se mete em política? – exclamam alguns.

— Sou discípulo de um prisioneiro político – respondo.
— Jesus não morreu na cama nem de desastre de camelo em uma esquina de Jerusalém. Morreu assassinado na cruz, condenado à morte por dois poderes políticos.

* * *

Nasci atolado nessa coisa chamada política. Meu pai, em casa e na rua, não falava de outro assunto. Opinava, debatia, discutia, propunha. Odiava o Juscelino. Minha mãe achava-o charmoso, mas ficava calada. UDN era a sigla do meu pai: União Democrática Nacional. Partido nascido nos estertores da ditadura getulista. Meu pai inclusive assinou o *Manifesto dos Mineiros* contra o ditador. Em represália, perdeu o emprego no Rio e viu-se obrigado a retornar a Minas.

Guardou para o resto da vida o orgulho de haver colocado seu jamegão naquele manifesto.

Me envolvi muito cedo com política estudantil. Aos 13 anos, ingressei na JEC: Juventude Estudantil Católica. Um dos ramos da Ação Católica, subdividida em A-E-I-O-U: JAC, JEC, JIC, JOC E JUC. Juventude Agrária Católica; Juventude Estudantil Católica; Juventude Independente Católica; Juventude Operária Católica; e Juventude Universitária Católica.

A JEC era meio clandestina. Foi o que me atraiu. Aos 13 anos eu andava entretido com Conan Doyle e Agatha Christie. Adorava mistérios. A JEC se cercava de mistérios. Ninguém, no meio estudantil, identificava um jecista. Só um sabia da existência do outro. Como na Máfia. *Cosa nostra*.

A diferença é que a JEC estava mais para catacumba que para máfia. Lembra do Império Romano perseguindo os cristãos? Lembra que os discípulos do Nazareno serviam de repasto aos leões do Coliseu, em Roma? Os cristãos cavavam túneis e cavernas e, longe do olhar das autoridades pagãs, faziam ali suas celebrações.

A JEC não tinha catacumbas. Era como se tivesse. Para efeito externo, o jecista aparecia como um estudante sem nenhuma vergonha de assumir em público sua fé cristã. O importante não era a sigla (JEC), era anunciar o Evangelho. O colega me via lá na escola e ficava intrigado: “Pô, o Betto não tem nada de carola, adora namorar e dançar, mistura guaraná com Georges Aubert.¹ Como é que um sujeito desses vai à missa, comunga, lê os evangelhos?”

1 Brandy de procedência gaúcha.